

GT-10 – Informação e Memória

ISSN 2177-3688

NARRATIVAS ORAIS DE MULHERES LEITORAS ENQUANTO MEMÓRIA SOCIAL

ORAL NARRATIVES OF WOMEN READERS AS SOCIAL MEMORY

Ariluci Goes Elliott - Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Arysa Cabral Barros - Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Jucielito Ferreira Alexandre - Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Katty Anne de Souza Nunes - Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Priscilla Régis Cunha de Queiroz - Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Apresenta as narrativas orais das experiências leitoras de mulheres como prática de fortalecimento da memória social de um grupo, aborda no referencial teórico as temáticas sobre mulheres, livros, leitura, narrativas orais e memória social. Pretende compreender o impacto da leitura nas narrativas das mulheres e sua contribuição para a construção de uma memória social. Realizou-se um levantamento bibliográfico e documental para embasar a temática, trata-se de um estudo descritivo, com coleta de dados no site do Museu da Pessoa, um museu virtual que registra as histórias de vida. A pesquisa teve como amostra as narrativas audiovisuais de 14 mulheres e pôde destacar nuances do impacto da leitura em suas vidas, sendo essa, refúgio, para as mulheres que passaram por situação de racismo, homofobia ou outra forma de exclusão. Notou-se as autorias que marcaram determinadas épocas como Monteiro Lobato e Machado de Assis. Além de apresentar a ampliação da visão de mundo como um dos benefícios da leitura. Concluiu-se que as Histórias de Vida são parte valiosa da memória social, pois representam as vozes individuais e coletivas de determinados grupos.

Palavras-chave: memória social; narrativas leitoras; documentos audiovisuais.

Abstract: It presents the oral narratives of women's reading experiences as a practice to strengthen the social memory of a group, addressing in theoretical terms the themes about women, books, reading, oral narratives and social memory. It aims to understand the impact of reading on women's narratives and its contribution to the construction of a social memory. A bibliographic and documentary survey was carried out to support the theme. This is a descriptive study, with data collection on the Museu da Pessoa website, a virtual museum that records life stories. The research sampled the audiovisual narratives of 14 women and was able to highlight nuances of the impact of reading on their lives, which is a refuge for women who have experienced racism, homophobia or other forms of exclusion. It was noted the authors that marked certain eras, such as Monteiro Lobato and Machado de Assis. In addition to presenting the expansion of the world view as one of the benefits of reading. It was concluded that Life Stories are a valuable part of social memory, as they represent the individual and collective voices of certain groups.

Keywords: social memory; reading narratives; audiovisual documents.

1 INTRODUÇÃO

A leitura é uma prática que permite o acesso a mundos imaginários, conhecimentos diversos e experiências emocionais. Além das obras literárias, as narrativas leitoras desempenham um papel fundamental para a preservação da memória de um povo. Essas narrativas, contribuem para fortalecer identidades e assegurar o registro de histórias de vida, transformando-as em memória social.

Tal a importância dessas experiências que, a História da leitura e dos leitores são temáticas estudadas por várias áreas do conhecimento como: História, Antropologia, Sociologia, Literatura, Educação, Ciência da Informação, dentre outras, elas estudam e explicam as facetas desses temas sob diversas perspectivas. Na Biblioteconomia não é diferente, podemos nos ocupar em entender as coleções de livros e seus colecionadores, o impacto social, cultural, cognitivo e emocional da leitura, a influência da leitura em determinados grupos em diferentes épocas etc.

Michelle Perrot, em seu livro 'As mulheres ou o silêncio da história' de 2005, afirma que por muito tempo as mulheres foram silenciadas, seja por conta do sistema religioso, político ou até mesmo pelos manuais de comportamento. Tal prática, também teve influência no acesso à leitura e à educação, mas, com luta e resistência, elas conquistaram esses direitos em muitos países. Nesta perspectiva, trabalhos direcionados para representação da memória social vêm sendo realizados, destacamos o Museu da Pessoa, um museu virtual que valoriza as histórias de vida de pessoas comuns, acreditando que todas as histórias importam e se configuram como patrimônio da sociedade.

Carvalho, Nascimento e Bezerra (2018) enfatizam que a história de vida, é uma metodologia vinda da História Oral e se caracteriza como ferramenta que permite cada pessoa expressar sua experiência no mundo. Essas histórias se emaranham em uma trama com pontos de convergências e divergências, e assim, tornam-se importantes para determinados grupos sociais.

Por isso, considerando as histórias de vida de mulheres leitoras, registradas no Museu da Pessoa, formulou-se as seguintes questões: como a leitura chegou na vida dessas mulheres? Com quais obras elas tiveram contato? Após esses questionamentos, sabendo

que a leitura é algo plural e dialógico, o trabalho busca compreender o impacto da leitura nas narrativas das mulheres e sua contribuição para a construção de uma memória social.

2 MULHERES, LIVROS E LEITURAS

Por muito tempo os estudos, em especial os históricos, tiveram como foco o objeto livro, seu armazenamento, sua comercialização, seu formato, suas coleções etc. É a partir de 1960 que o historiador e bibliotecário Robert Darnton passou a detalhar em suas pesquisas “[...] a necessidade de mudar de escala de observação, acompanhando mais de perto o percurso e as interações das obras com os diversos agentes que lidavam com ela: do autor ao leitor [...]” (Belo, 2008, p. 49).

Os estudos históricos de Carlo Ginzburg, também contribuem para essa nova forma de olhar as histórias do cotidiano (micro-histórias), em especial na Idade Média, e assim, tira-se um pouco do olhar sobre o formato físico dos livros e começa a se pensar na pessoa que ler e de que forma as leituras interferem em seu comportamento. “A passagem do livro a leitura representa assim uma passagem do livro estático, arrumado numa biblioteca, ao dinamismo das práticas de leitura em que as diferenças culturais atravessam diferentes grupos sociais de forma mais complexa [...]” (Belo, 2008, p. 52).

O foco dos estudos se expandiram, porém, as mulheres continuaram invisibilizadas nesse processo, pois muitas sequer sabiam ler. Dumont e Espírito Santo (2007), nos informam que é somente na era do Iluminismo (1685-1815) que as mulheres têm a chance de serem alfabetizadas, ainda assim, não conquistaram autonomia para escolherem suas leituras, que são selecionadas pelos homens. As autoras dizem também que a criação literária/escrita era considerada um dom masculino, uma forma de impedir as mulheres de se expressarem livremente. Em se tratando de Brasil, pesquisas mostram que:

Meninas na escola brasileira foram aceitas oficialmente somente a partir de 1827. Universidade, não antes de 1879. Inicialmente, o estudo era para poucas. Lugar de mulher era em casa cuidando do lar, doce lar. Por outro lado, foi pensando exatamente na saúde desse lar, que alguns defenderam a instrução feminina (Dumont; Espírito Santo, 2007, p. 31).

Devido ao pensamento conservador e machista, tal situação, quanto ao papel feminino na sociedade, permanece enraizada nos pensamentos e ações na atualidade. Para complementar esta explanação, ressaltamos a pesquisa da educadora Leidinalva Amorim Santana das Mercês (2010) sobre o hábito de leitura de alunas negras na Educação de Jovens e Adultos/EJA e apresentamos o trecho de umas das entrevistadas:

A gente lá era 8 irmão: era 3 mulher e 5 homens. Só que a minha mãe colocou os homens no colégio; as mulheres não, por causa de namorado [...] E até hoje, todos eles homens, sabem, ou pouco, ou muito. E nesse tempo era particular! Ela se desdobrava mais meu pai na roça para pagar o colégio. E as mulheres não. Eu e minha irmã caçula, a gente aprendeu, no MOBRL [Movimento Brasileiro de Alfabetização], com as colegas. Minha irmã mais velha, não sabe nada. Foi no MOBRL que eu aprendi a assinar meu nome e mais algumas coisas (Mercês, 2010, p. 266).

Não é novidade que a educação patriarcal submetia às mulheres atividades exclusivamente para o trato do lar, para serem boas mães e boas esposas. Essa condição influenciou diretamente na produção da literatura escrita e disponibilizada para essas mulheres, ficando para elas os romances e as obras religiosas. Embora pesquisas apontem que dependendo dos romances, eles poderiam ser considerados subversivos, podendo corromper a moral de mulheres e moças (Mercês, 2010).

O que não se imaginava, até então, é que independente do que se é lido, a leitura é uma ação simbólica, as páginas escritas produzem o encontro de quem ler, com o que foi escrito e novos sentidos são gerados nesse ato. Assim, o acesso à escolarização, à leitura e à busca por informação possibilitaram novas oportunidades para as mulheres, que passaram a ocupar lugares antes não imaginados, além de lhes proporcionarem diferentes realidades das que viviam, seja no mundo fictício ou real.

Como afirmam Mendonça e Dumont “Ler, portanto, pode ser considerado um gesto simbolicamente transgressor” (2021, p. 40). Por isso, afeta cada pessoa de uma maneira, possibilitando diversidade nas perspectivas assimiladas e compartilhadas. E se durante muito tempo essas mulheres foram silenciadas, hoje podem escrever e falar. Falar inclusive das transformações de suas vidas por intermédio da leitura.

3 MEMÓRIA SOCIAL E NARRATIVAS ORAIS

Tivemos uma história narrada por grupos que monopolizavam os lugares de fala e a escrita, influenciando a construção de uma história homogênea e excluindo outras percepções sobre os acontecimentos. Hoje, com atenção dada aos estudos da memória, tendo nela uma fonte de acesso à conhecimentos e experiências, se busca ampliar os espaços para diversas vozes, prática cada dia mais importante e presente em nossa sociedade, sobre isso Massoni (2017, p. 1) nos informa que:

Ao longo dos séculos XIX e XX, percebemos um movimento de transformação nessa postura, com um viés fortemente antropológico, através da mudança no conceito de cultura, uma vez que o homem comum

e seu cotidiano, até então esquecidos, passaram a integrar o escopo de estudo da academia, assim como sujeitos, grupos sociais e comunidades antes taxados de “incultos”.

Frente a essa afirmativa, destacamos o Museu da Pessoa como um trabalho que oportuniza a visibilidade de histórias de pessoas comuns. Fundado em 1991, na cidade de São Paulo, idealizado pela historiadora Karen Worcman, “O Museu da Pessoa nasceu com a proposta de atender a demanda de toda e qualquer pessoa para ter sua história de vida eternizada como parte da memória social” (Worcman, 2021, p. 84).

As memórias sociais referem-se à memória coletiva de um grupo ou sociedade, abrangendo suas histórias, tradições e valores compartilhados. Ela desempenha um papel fundamental na preservação da identidade cultural e na compreensão do passado, influenciando a forma como nos relacionamos com o presente e construímos o futuro.

Destaca-se que o Museu da Pessoa é um espaço virtual, que possibilita o acesso a mais de 14.000 narrativas disponibilizadas por meio de textos, fotografias, áudios e vídeos. No entanto, a maior parte são narrativas orais, provenientes das memórias lembradas e relatadas, para Bosi “[...] memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano” (2003, p. 15).

Não podemos esquecer que, supervalorizar a escrita em detrimento da oralidade, é um fato corriqueiro, sendo que a oralidade também se configura como uma rica fonte de aquisição de informação, perpetuação de histórias, costumes, valores e crenças, assim como contribui para construção do conhecimento.

Podemos ter estudos mais aprofundados, fazendo uso de acervos de história oral já existentes e disponibilizados, contribuindo para que estes não sejam um **patrimônio silenciados** como bem defendem Heymann e Alberti (2018, p. 20) “Quando tomamos acervos de história oral como “patrimônio” cuja produção cabe investigar, ampliamos as possibilidades de reuso das entrevistas, tornando documentos para estudos dedicados a história da memória”. Assim, a partir de uma coleção de memórias individuais, busca-se a construção de uma memória social acessada pelas narrativas orais.

A equipe do Museu da Pessoa afirma que: “É impossível imaginar a vida sem História. Sem ela, não saberíamos quem somos, nem para onde vamos. Mais do que lembrar o que foi vivido, a narrativa histórica transmite valores e visões de mundo e ajuda a compreender o que vivemos hoje e para onde vamos” (Tecnologia..., 2009, p. 10). Essas narrativas são únicas e importantes, não existem histórias de vida iguais, mas os aspectos humanos nos

atravessam e criam pontos de conexão. Somos e existimos enquanto coletivo, aí está a nossa humanidade e a importância do narrar e ouvir histórias.

4 CAMINHOS PERCORRIDOS

O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa social aplicada que visa satisfazer o desejo de compreender o impacto da leitura nas narrativas das mulheres e sua contribuição para a construção de uma memória social.

Ressaltamos que teve a realização de um levantamento bibliográfico e documental para melhor embasar a temática sobre: mulheres, livros, leituras, narrativas e memória social. Trata-se de um estudo descritivo, uma vez que se conheceu e interpretou o objeto de pesquisa sem interferência no mesmo.

Como estratégia de pesquisa, optou-se pela histórias de vida, que segundo Nogueira, Barros, Araújo e Pimenta (2017), se caracteriza como metodologia biográfica, de caráter qualitativo, onde quem pesquisa escuta, por meio de entrevistas, o relato da história de vida de alguém. Essa metodologia é uma abordagem da História Oral (que tem o intuito de salvaguardar as histórias dos indivíduos e registrar as experiências de determinados grupos).

A pesquisa possui o caráter qualitativo, pois estabeleceu-se os seguintes critérios para que as narrativas fossem contempladas no estudo: mulheres fora da cadeia de produção do livro (autora, editora, ilustradora, livreira etc.), com depoimentos gravado em formato de vídeo.

A coleta dos dados foi realizada através da plataforma do Museu da Pessoa, o processo de busca ocorreu da seguinte forma: ao acessar o site do Museu, buscamos nas três categorias disponibilizadas: **Exposições**, **Coleções** e **Histórias**. Embora o site apresente várias possibilidades de filtro, como: formato, gênero, cidade, período etc, somente o filtro para formato, estava funcionando, o que tornou nossa busca mais exaustiva.

Definimos para a coleta os seguintes descritores: leitor, leitores e leitura, obtivemos os resultados apresentados no quadro 1:

Quadro 1 - Busca e recuperação dos vídeos de histórias de vida de mulheres e leitura

Categorias			
Descritor	Exposições	Coleções	Histórias
Leitor	0	0	42
Leitores	0	0	12

Leitura	4	3	217
---------	---	---	-----

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Após análise das categorias, não contemplamos em nossos estudos **Exposições** (4 narrativas) e **Coleções** (3 narrativas), no descritor **leitura**, pois, a palavra leitura aparece nos textos de descrição das exposições e abordavam pessoas ligadas à cadeia de produção do livros, respectivamente.

Partimos para a busca na categoria **Histórias**, na qual obtivemos tais recuperações:

- 42 narrativas para o descritor **leitor**, das quais 18 estão no formato de vídeo, dessas 9 são de mulheres e 6 estão ligadas a cadeia do livro e da leitura. Nos restando 3 narrativas;
- 12 narrativas para o descritor **leitores**, dos quais 6 foram eliminadas por conta do formato textual, 2 por serem narrativas de homens e 3 por serem escritoras. A narrativa restante (1) é contemplada no descritor **leitor**;
- 217 narrativas para **leitura** das quais, 106 estavam em formato de vídeo. Desse quantitativo, 2 narrativas eram institucionais, 57 de homens e 52 narrativas de mulheres, destas 12 eram ligadas à cadeia do livro e leitura, ficando 42 de interesse do estudo.

Por fim, a pesquisa teve um recorte de 45 narrativas na categoria **Histórias**, sendo, 3 no descritor **leitor** e 42 no descritor **leitura**. Das 45, 10 estavam com os vídeos indisponíveis, 13 não contemplavam a proposta do estudo e 8 apresentavam os vídeos incompletos, o que resultou em um total de 14 narrativas que formaram a Coleção Mulheres e Leitura¹, no site do Museu da Pessoa e fizeram parte do nosso objeto de estudo.

5 ANÁLISE DE DADOS: HISTÓRIAS DE VIDA PERMEADAS PELA LEITURA

Essa análise tem como amostragem as narrativas de 14 mulheres registradas no formato audiovisual no site do Museu da Pessoa. Antes de partirmos para a apresentação dos pontos convergentes e divergentes das histórias, citamos Lisiane Manke que em sua pesquisa de doutoramento, sobre a prática de leitura de leitores rurais, afirma que:

Analisar o sentido atribuído à leitura na vida de leitores comuns, especialmente quando esses leitores estão imersos em práticas socioculturais extremamente vinculadas à oralidade, não é tarefa fácil [...]. Buscar os “comos” e os “porquês” ligados à prática da leitura, como meio de apropriar-se do “fora-do-texto”, é sem dúvida tarefa desafiadora. No

¹ Disponível em: <https://museudapessoa.org/colecao-detalle/?id=1412> (Plataforma Museu da Pessoa)

entanto, quando se pode contar com “as confidências dos leitores comuns sobre suas leituras”, a investigação torna-se mais palpável (Manke, 2008, p. 129).

Foi com essa realidade que nos deparamos ao conhecermos as 14 histórias de vida que em algum momento foram atravessadas pela leitura. Sabemos que foco do Museu são as histórias de vida e essas histórias são permeadas por várias nuances, em algumas delas a leitura se fez presente de forma mais profunda e em outras de forma mais superficial. Assim, curiosidades vieram à tona: suas escolaridades? Idade? Profissão? E no quadro 2, é possível verificar informações relevantes sobre as narradoras e suas histórias.

Quadro 2 - Resultado da busca de Histórias de vida e algumas observações

DESCRITOR: LEITOR		
NARRADORA/ANO DE NASCIMENTO	TÍTULO DA HISTÓRIA	OBSERVAÇÕES
Hércia Marinho Silva (1907)	Uma mulher liberal	Ano da entrevista: 1992 Foi para escola, se alfabetizou, teve trauma de palmatória. Quando morou em um engenho começou a dar aula para 3 trabalhadores, mas abandonou o ofício. Gosta de viajar. Sente falta de ler. Sempre leu muito, tem interesse pela arte, por quadros. Dizem que “eu tenho uma cultura geral porque li muito” .
DESCRITOR: LEITURA		
NARRADORA/ANO DE NASCIMENTO	TÍTULO DA HISTÓRIA	OBSERVAÇÕES
Amélia Americano Franco Domingues de Castro (Década de 1920)	Ensinar é sua vocação	Ano da entrevista: 2008 Tinha acesso ao cinema e viagens. Pai era Oficial do Exército. Frequentava biblioteca da escola: lia todos os livros que queria: Monteiro Lobato, Júlio Diniz, Júlio Verne , todas as aventuras. Cercada por pessoas que acreditavam que as mulheres deveriam ter acesso aos estudos, pelo menos educação a nível médio. Teve acesso a universidade “Na minha casa todos queriam que a gente fizesse, que eu e a minha prima fizéssemos um curso superior, queriam muito. Eu tinha um tio advogado [...], ele era professor de Direito” .
Marina Garrido Monteiro (1932)	Olhar de Poliana	Ano da entrevista: 1992 Desde pequena teve acesso a equipamentos culturais (cinema, música, teatro etc.) Sua influência literária foi uma pessoa que conheceu no telefone passando trote - rapaz estudante de direito, a incentivava a ler Machado de Assis, Umberto de Campos, O cortiço e outros romances, e debatiam a leitura por telefone. Já lia, mas ampliou a visão de mundo e entendimento das histórias nessa relação, depois se casou com esse rapaz. Seguiu o caminho de Museóloga.

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

Marlene Rago (1936)	Encontrando a profissão	Ano da entrevista: 1995 Gostava de ler desde criança, era de poucos amigos, de muitos primos. Sua influência na leitura foi o pai , contador, que a via lendo e incentivava comprando livros. Lia Monteiro Lobato (marcou a sua infância, lia e relia as obras dele), Tesouro da juventude , Mundo Pitoresco . Tem muitos livros até hoje, gosta de muitos gêneros. Não tem autor predileto.
Solange Ramos Esteves (1947)	Música, arte e terapia	Ano da entrevista: 2007 Teve aulas de piano e acordeão. Leu muito em um período que ficou doente na adolescência. O que marca a sua história adulta são as memórias dos livros do seu pai , livros que lia com ele, e a influenciaram em sua vida política e militância durante a Ditadura Militar.
Aldeci Rodrigues Valença (1948)	Aldeci Rodrigues Valença	Ano da entrevista: sem informação É uma professora que gosta de ler, e deixa a questão da leitura como dica/conselho para seus alunos. “Ler para viajar, como eu fazia quando não tinha dinheiro.”
Maria do Carmo Marini (1951)	A engenheira elétrica que se apaixonou pela Eletropaulo	Ano da entrevista: 1999 Aprendeu a ler só e sempre leu muito, seu livro preferido Robin Hood – primeiro amor literário - não empresta seus livros . Não se tinha o hábito de comprar livros, mas era assídua nas bibliotecas , em especial na leitura de quadrinhos. Na sua vida universitária cuidou da parte cultural e literária dos centros acadêmicos. Se diz muito criativa e poderia ter encaminhado pelo caminho da escrita, mas enveredou pela engenharia.
Nandyara de Almeida Rezende (1964)	A arte do encontro na educação	Ano da entrevista: sem a informação Teve uma professora na infância que marcou no quesito leitura (4 ^a série), em especial com o livro Poliana moça . Sempre se refugiava nos livros, em especial na adolescência, os clássicos – Machado, Jorge Amado , pediu a mãe para desistir da escola por estar com nota baixa em matemática e ciências, porque era só decorar, e “eu sempre quis saber o que acontece em cada coisa, uma leitora tem essa curiosidade” , hoje continua lendo livros contemporâneos Dom Braw, A cabana e encaminhou seus caminhos para matemática e ciências, leva a leitura para seus alunos, em especial a leitura de imagem, fazendo que após esses momentos eles escrevam memoriais .
Cristina Rodrigues de Souza (1966)	Da cerca para dentro não é Brasil	Ano da entrevista: 2010 Filha de pai agricultor, feirante (alcoólatra). Pais analfabetos, foi para escola com 4 anos e com 6 já estava alfabetizada, comprava livros quando ganhava dinheiro nas vendas. Lia e gostava da Agatha Christie, gibi, jornal . Abandonou os estudos, mas nunca deixou de ler. Ouvia da sogra “mulher casada não pode estudar”. Aos 35 anos teve a oportunidade de voltar aos estudos, formou-se em Direito, atua com audiências de conflitos de

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

		vizinhança, de loteamentos irregulares, de áreas de risco e de áreas invadidas.
Verónica Patrícia Aravena Cortes (1968)	Chielana Paulista	Ano da entrevista: 2008 Na escola era um pouco isolada, então se refugiava nos estudos . Os pais não eram leitores – liam jornais-, mas se fascinaram com as enciclopédias vendidas de porta em porta e a mãe comprou, ela se divertia e lia muito, e até hoje abre o livro e abre em qualquer página para ver o que vai aparecer ali.
Evelyn Mendes da Silva (1974)	Diversidade e inclusão na Tecnologia da Informação	Ano da entrevista: 2021 Mulher trans. Começou sua vida leitora com os gibis/ Turma da Mônica e Tio Patinhas . Teve acesso a livros e revistas (Superinteressante, Galileu) em casa, em especial sobre ciência e física, gostava muito de ficção científica , lia Isaac Asimov , tinha a referência de vizinho , uma pessoa bem instruída, conversava muito com ele. Imaginava ser astronauta. “Quando tu começa a ler muita coisa, imagina um futuro diferente e quer fazer parte de algo maior.” . Teve uma vida conturbada, e só foi possível sobreviver por conta da dedicação em aprender por meio dos livros, revistas e filmes. Atua na área de T.I.
Maria Rita Pereira dos Santos Casagrande (1980)	Tecnologia, sexualidade e feminismo negro	Ano da entrevista: 2021 Em sua casa, sempre foram muito envolvidos com leitura, falavam muito de literatura, era uma das paixões do pai, que lia poesia em voz alta, ou o jornal para a mãe. Sempre teve muito livro, gibi . Não se ouvia muitas histórias, mas liam, cada um tinha um perfil e acabavam não se influenciado. Se fechava no universo dos livros . Quem contava histórias, eram os meus avós, a mãe era excelente em contar história, mas isso fazia isso quando faltava luz. Fez parte do grupo dos nerd’s/excluídos, na época escolar descobriu as bibliotecas públicas , e pulava de biblioteca em biblioteca para pegar livros diferentes do que tinha em casa, seu primeiro empréstimo em uma biblioteca foi “O Exorcista” . Gostava de estudar e da escola, mas as escolas eram exclusivas, muito racista. Hoje atua na área de T.I.
Cecília Hanna Mate – Sem informação sobre ano de nascimento	O papel do professor é ouvir o aluno	Ano da entrevista: 2007 Filha de árabes imigrantes e comerciantes. A escola foi muito rígida, acredita que poderia ter sido melhor e influenciado mais os seus caminhos. Sua influenciadora literária foi a irmã mais velha, romances, fotos novelas .
Carla Piazzon Ramos Vieira (1998)	A participação da periferia na construção do amanhã	Ano da entrevista: 2021 Mãe enfermeira, pai corretor. Sempre foi quieta e gostava de ler e lia muito, chegou a ler cinco livros por mês, seu recorde foi sessenta livros em um ano. Criou um “blog”, no qual faz resenha dos livros lidos - tinha muitos comentários, nos “posts” - começou a fazer contatos e parceria com editoras: Intrínseca, Novo Conceito. A maior

		diversão era ser blogueira de livros “eu ia na Bienal, distribuir marcadores, divulgar meu “blog” . Nessa trajetória de ter um “blog”, começou a aprender HTML e CSS, que são linguagens para quem desenvolve “sites”, personalizou seu “blog” que ficou super bonito, fez sucesso, então começou a vender “site”. Hoje atua na área de T.I.
--	--	---

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Temos narradoras nascidas em todas as décadas a partir de 1920, no entanto, a de mais idade é nascida em 1907 e a mais nova em 1998, informações pertinentes se analisarmos as obras lidas e a relação com a leitura, a escola e o trabalho em cada época. Outra percepção interessante é o fato da leitura ter sido uma espécie de refúgio para algumas das mulheres, em especial para as que passaram por situação de racismo, homofobia ou outra forma de exclusão, como aconteceu com Maria Rita, Evelyn e Cristina. Para outras, o ato de ler, foi motivo de conexão com entes querido e até professores, como mostra a fala de Solange e Maria Rita ao falarem da relação dos seus pais com a leitura.

As bibliotecas são citadas como espaços frequentados por apenas três das 14 mulheres do estudo. Monteiro Lobato marca a história de leitura nas décadas de 1920 e 1930, por ser um dos autores mais lidos na época, trazendo uma literatura voltada para o público infantil. Os gibis passam a fazer parte das narrativas das mulheres nascidas a partir da década de 60, com a popularização da Turma da Mônica escrita pelo Maurício de Sousa. Machado de Assis é outro autor que por várias vezes é citado.

Um dos benefícios do contato com a leitura é a ampliação da visão de mundo, e as narradoras Evelyn e Nandyara nos mostram isso respectivamente: **“Quando tu começa a ler muita coisa, imagina um futuro diferente e quer fazer parte de algo maior”** e **“eu sempre quis saber o que acontece em cada coisa, uma leitora tem essa curiosidade”**.

Tais observações nos permitem citar Belo (2008, p. 60), ao dizer que “[...] em cada época, os leitores partilham entre si espaços, gestos e ritmos de leitura, assim como normas morais, estéticas e outros valores que influenciam a recepção dos textos”. Vale ressaltar como cada geração se relaciona com a prática da leitura, onde o ato de ler sempre permanece, o que muda é o suporte, a forma de fazer essa leitura e até o modo de falar sobre os livros; se Mariana, nascida em 1932 falava sobre o que lia pelo telefone, Carla, nascida em 1998, fala dos livros que ler através de blog.

Estudo de Dumont (2017; 2021) enfatizam que o ato de ler passa por três dimensões: o contexto, a motivação e o sentido, nas narrativas apresentadas observamos cada item e ainda evidenciamos alguns pontos importantes, a saber:

- a) **diversidade de experiências:** as narrativas refletem a diversidade de perspectivas, identidades e vivências dentro das histórias, oferecendo um retrato multifacetado da relação entre os leitores, ambientes e as obras literárias;
- b) **temas/autores e situações recorrentes:** refletindo aspectos sociais, culturais e históricos da sociedade;
- c) **conexão emocional e identificação:** seja com as obras lidas, com as pessoas que as influenciaram/compartilhavam as veredas da leitura, também observamos um senso de pertencimento ao se perceber acolhido por outros(as) leitores(as).

É importante enfatizar que as mulheres com o poder aquisitivo mais elevado, tiveram acesso a bens culturais como cinema, teatro, música e não tiveram grandes resistências quanto a sua escolarização. Como é o caso de Amélia que tinha acesso ao cinema e viagens e o pai era Oficial do Exército. Cabe destacar que o Museu da Pessoa passa por um processo de ampliação das narrativas, contemplando outros grupos sociais, pois durante muitos anos, por questões de acesso geográfico e tecnológico, as histórias de vida registradas centraram em relatos de pessoas residentes da Região Sul/Sudeste.

Por fim, afirmamos que essas memórias são sociais, pois embora sejam individuais, elas sofrem influência de pessoas, espaços e experiências vividas, assim como influenciam outras. O que corrobora com Valença e Reis (2015, p. 267) ao compartilharem que “[...] ainda que as histórias de vida sejam particulares, são depoimentos de práticas sociais, uma vez que o indivíduo está inserido no mundo em vários contextos sociais” e é raro não se envolver, se emocionar, se identificar ou mesmo se solidarizar com algumas narrativas. As narrativas, repletas de informações sobre essas leitoras fortalecem a identidade e constroem a memória social desse grupo que, mesmo com poucos avanços, ainda lutam e resistem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias de vida são parte valiosa da memória social, posto que representam as vozes individuais e coletivas de determinados grupos. Preservar, valorizar e retornar a acessar essas narrativas é essencial para promover a leitura, enriquecer a cultura e fortalecer

os laços comunitários. Ao reconhecer sua importância e implementar estratégias de registro, preservação e disseminação, podemos garantir que as narrativas leitoras continuem a inspirar, conectar e transformar a sociedade por meio das riquezas de informações que cada fala traz consigo.

Cabe aqui ressaltar que esse acervo de narrativas pode contribuir para diversos trabalhos, disseminando e valorizando a história dessas mulheres, através de:

- a) programas de promoção da leitura, fortalecendo a conexão entre a comunidade;
- b) criação de eventos e clubes de leitura, que podem gerar engajamento e entusiasmo em torno da leitura;
- c) discussões/encontros para refletir sobre a situação das mulheres frente ao acesso à leitura e à educação, promovendo debates em torno das convergências e as divergências com os dias atuais;
- d) reconhecimento e validação das narrativas: para que as histórias inspirem outras mulheres a perceberem que também podem contar as suas histórias, ou simplesmente permitam que outros leitores se identifiquem e encontrem conexões emocionais com as histórias compartilhadas;
- e) estimule a leitura: as experiências relatadas podem despertar o interesse pela literatura e engajamento no mundo dos livros.

Pretende-se continuar o estudo, estendendo as observações para outros recortes, como: homens, histórias narradas de forma escrita, histórias de mulheres escritoras etc., dada a importância do impacto das histórias na vida de quem as ouvem, proporcionado empatia, identificação, ampliando consciência social e conhecimentos sobre determinadas realidades.

Em síntese, trazer essas narrativas orais enquanto parte de uma memória social muitas vezes registradas, mas esquecidas, é de suma importância. Ao retornar a essas memórias podemos fazer recortes do tempo e entender questões ligadas ao fazer social de determinada época, gênero e classe. Gerando uma possibilidade de reconstrução ou de novas perspectivas inspiradas por essas narrativas.

REFERÊNCIAS

BELO, André. O que é a história do livro e da leitura? p. 37 - 68. *In.* BELO, André. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

BOSI, Écléa. **O tempo vivo da memória**: ensaio de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 28-37, 2007. Disponível em: <https://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/618>. Acesso em: 15 jun 2023.

HEYMANN, Luciana; ALBERTI, Verena. Acervo de história oral: um patrimônio silencioso? *In*: BAUER, Letícia Brandt; BORGES, Viviane Trindade. **História oral e patrimônio cultural**: potencialidades e transformações. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 11-29.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAÚJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016 Acesso em: 19 jun 2023.

MANKE, Lisiane Sias. História de práticas de leitura: o caso de três agricultores. **Roteiro**, Santa Caratina, v. 33, n. 1, p. 127-144, 2008. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/322/0>. Acesso em: 20 maio 2023.

MASSONI, Luis Fernando Herbert. A história oral e as memórias dos excluídos na escrita do conhecimento. **Rev. Interdisciplinar de Ciências Aplicadas**, [s. l.], v. 2, n. 4, 2017. Disponível em: <https://sou.ucs.br/revistas/index.php/ricaucs/article/view/45>. Acesso em: 20 maio 2023.

MENDONÇA, Ismael Lopes; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Leitura sob o prisma da cultura: o contexto em evidencia. *In*: DUMONT, Lígia Maria Moreira. MENDONÇA, Ismael Lopes (org.). **Leitor, leitura e seus contextos**: livro de estudo. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2021. p. 29-54.

MERCÊS, Leidinalva Amorim Santana das. Histórias de vida de leitoras negras da EJA. *In*: CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; SOUZA, Elizeu Clementino de Souza. **Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 257-278. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19048>. Acesso em: 15 jun 2023.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou o silêncio da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

TECNOLOGIA SOCIAL DA MEMÓRIA: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. [S.l., s.n.]. Disponível em: https://acervo.museuda.pessoa.org/public/editor/livro_tecnologia_social_da_memoria.pdf. Acesso em 14 dez. 2022.

VALENÇA, Tatiane Dias Casimiro; REIS, Luciana Araújo dos. Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, 2015, p. 265-281. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/27001>. Acesso em 10 jun. 2022.

WORCMAN, Karen. **Quem sou eu? memória e narrativa do Museu da Pessoa**. 2021. 299 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://www.academia.edu/84022276/Quem_sou_eu_Mem%C3%B3ria_e_narrativa_no_Museu_da_Pessoa. Acesso em 10 jun. 2022.